

A angústia como conceito operatório na técnica projectiva de Rorschach (*)

VICTOR MOITA (**)

A técnica projectiva de Rorschach é, seguramente, uma das mais estudadas e poderosas técnicas clínicas para a recolha de dados referentes às modalidades de funcionamento psíquico humano. No entanto, certos meios ligados à investigação e à prática psicológicas recusam a utilização das técnicas projectivas em geral, e a técnica de Rorschach em particular, invocando uma pretensa pobreza do seu quadro teórico de referência, uma operacionalidade reduzida e a duvidosa significação dos dados assim obtidos.

Algumas das razões invocadas têm a sua origem em factos incontestáveis que deverão ter-se em conta. No que se refere à técnica de Rorschach, o empirismo dos estudos que conduziram a uma primeira *standardização*, e o desaparecimento precoce do seu autor impediram a elaboração de um sólido quadro teórico de referência (Beizmann, 1974; Rausch de Traubenberg, 1976).

(*) Adaptação do cap. IV de *Modalités de réponse au Rorschach et statut sociométrique chez les pré-adolescents: contribution à l'étude de la personnalité du garçon pubère*, tese de doutoramento em Psicologia apresentada na Universidade de Paris V (Sorbone), Maio, 1982.

(**) Psicólogo no Centro de Saúde Mental Infantil e Juvenil de Lisboa. Docente no ISPA.

Aliás, os problemas de *standardização* e *aferição* dos termos projectivos permanecem de difícil resolução, e algumas noções clássicas em psicometria, tais como *sensibilidade*, *fidelidade* e *validade* mostram-se, aqui, de operacionalidade reduzida, pelo menos nos mesmos termos em que são utilizadas para definir um *teste* (Anzieu, 1980). É por isso que cada vez mais se põe em dúvida a adequação do termo «teste» quando aplicado a estas técnicas de natureza essencialmente clínica.

Apesar de tudo, estas dificuldades não são uma razão suficiente para pôr de lado um conjunto de técnicas — e, nomeadamente, a técnica de Rorschach — que se podem considerar justificadamente como concretizações exemplares de metodologia específica da psicologia e em total conformidade com o seu modelo epistemológico. Admite-se que o método subjacente a estas provas será, de algum modo, diferente daquele que fundamenta os testes psicométricos em sentido restrito. No entanto, a metodologia projectiva e a metodologia psicométrica não se opõem. A maleabilidade e poder de discriminação clínica da primeira compensará em última análise, uma certa rigidez e rigor estatístico da segunda, «na prática efectiva do conhecimento do outro» (Anzieu, 1980).

A este respeito será interessante transcrever a afirmação de Rausch de Traubenberg (1974, p. 16), referindo-se à utilização — segundo perspectivas psicológicas novas — da situação projectiva em geral e da técnica de Rorschach em particular:

«O Rorschach, ao qual certos recusam o qualificativo de perceptivo enquanto outros lhe negam o qualificativo de projectivo, já não é considerado como um teste, mas como uma *técnica clínica*. Esta técnica é, enquanto tal, cada vez mais utilizada nas investigações clínicas e nas investigações fundamentais, testando hipóteses teóricas específicas das mais simples às mais complexas, e conduzindo assim a reformulações e a reelaborações que, num segundo tempo, e apenas num segundo tempo, se referem a noções de diagnóstico.»

Segundo a nossa opinião, os problemas teóricos e metodológicos respeitantes ao valor científico dos dados recolhidos através das técnicas projectivas em geral, e de Rorschach em particular, não decorrem das técnicas em si mesmas, não lhe são exclusivas, nem são inultrapassáveis. Estes problemas parecem estar, antes de mais, ligados à utilização destas técnicas na ausência de uma teoria psicológica claramente definida que as enquadre e que, conseqüentemente, dê um sentido cientificamente útil aos dados recolhidos por seu intermédio.

Estamos de acordo com aqueles que consideram não ser necessário referirmo-nos a um modelo teórico específico ou único na utilização das técnicas projectivas (Holzberg, 1968; Rausch de Traubenberg, 1974): «Com efeito as técnicas projectivas podem ser estudadas ou analisadas segundo diferentes pontos de vista como qualquer outro fenómeno psicológico ou processo psíquico» (Rausch de Traubenberg, 1974, pp. 2 e 3).

No entanto, os utilizadores destas técnicas — e mesmo os seus críticos mais violentos — crêem-se frequentemente dispensados de identificar os seus quadros teóricos de referência. Partem do princípio injustificado e

injustificável de que as técnicas projectivas contêm em si mesmas um valor heurístico que em nenhuma circunstância será legítimo atribuir-lhes. É ainda Rausch de Traubenberg que afirma: «se admitirmos que as técnicas projectivas podem ser explicitadas em termos conceptuais diferentes, devemos com efeito precisar as relações existentes entre técnicas projectivas e teorias de condicionamento, teoria da percepção, teoria cognitiva, teoria de campo, teoria da comunicação, teoria do nível de adaptação e teoria psicanalítica» (Rausch de Traubenberg, 1974, p. 3).

Sem nos determos de forma exaustiva na análise das relações teóricas existentes entre os sistemas teóricos mencionados e a técnica projectiva de Rorschach, pretendemos apresentar neste texto as coordenadas teóricas fundamentais subjacentes à utilização que fazemos do Rorschach. Não teremos a preocupação de distinguir uns dos outros os sistemas teóricos que lhe estão implícitos. Trata-se antes de enunciar uma série de postulados que, no seu conjunto, constituirão o quadro teórico de referência específica para a interpretação dos dados recolhidos através do Rorschach. Não deixaremos, no entanto, de referir a importância atribuída a conceitos ou a um modelo de discurso decorrente de algumas teorias paradigmáticas da psicologia, nomeadamente da teoria de campo de Lewin e, sobretudo, da teoria psicanalítica.

1. A AMBIGUIDADE DO ESTÍMULO E O ACESSO A ESTRUTURA DA PERSONALIDADE

1.1. *A integração estrutural e a procura do equilíbrio*

Segundo Anzieu (1980), os testes projectivos teriam seguido de muito perto os progressos da teoria de *gestalt*. A este respeito, um dos conceitos fundamentais é o da *integração estrutural*. Este conceito pertence

originariamente à teoria do campo psicológico de Lewin, que se pode resumir, com Fraisse, da seguinte forma: «Em cada instante, o comportamento de um indivíduo é determinado por um conjunto estruturado que compreende o sujeito e o seu ambiente. Este todo é o espaço vital (*life space*) que inclui a totalidade dos factos que agem sobre o indivíduo, quer sejam físicos ou sociais, conscientes ou inconscientes.

Este campo é dinâmico. Todo o comportamento procura restabelecer um equilíbrio rompido entre o indivíduo e o seu meio, ruptura que é uma fonte de tensão» (Fraisse e Piaget, 1967, p. 57).

Pode ver-se no *Rorschach* uma concretização desta teoria. Diante da ambiguidade do estímulo e, simultaneamente, da instrução que convida o sujeito a atribuir-lhe um conteúdo, a tensão entre o indivíduo e o meio desencadeia-se. A tendência consequente do sujeito é a orientação em direcção a uma organização da mancha informe, dando-lhe um sentido, uma estrutura e reencontrando, assim, uma nova posição em relação ao equilíbrio anteriormente rompido.

1.2. *Estrutura da personalidade e estruturação do estímulo*

Na tentativa de reencontrar o equilíbrio perdido, o sujeito organiza a percepção não apenas em função da estrutura do estímulo — reduzida de um ponto de vista estritamente perceptivo, e nula de um ponto de vista semântico — mas também em função da sua própria experiência anterior.

É aqui que os grandes sistemas teóricos da psicologia como a teoria de campo (Deutsch, 1954), a teoria psicanalítica (Rapaport, Gill e Schafer, 1972; Rapaport, 1952; Schafer, 1954 a, 1954 b, 1958), a teoria da percepção (Bruner, 1948; Abt, 1950), a teoria do conhecimento (Fulkerson, 1965), a teoria do nível de adaptação (Murstein, 1959, 1965) se juntam para fazer sobressair a dinâmica psicológica desencadeada no su-

jeito, não só pela ambiguidade do estímulo, mas também pela instrução do teste.

Esta dinâmica, que vai no sentido de uma adaptação do sujeito à situação, faz apelo quer a factores internos da sua personalidade — inatos ou adquiridos, modos habituais de reacção perceptiva, de funcionamento do pensamento e do afecto —, quer a factores externos constituídos pelas características objectivas do estímulo e da situação.

Na situação projectiva, o sujeito empenha-se, de uma forma activa e espontânea, num processo de estruturação de um material não estruturado, e por isso mesmo revelando «os seus princípios de estruturação, isto é, os princípios da sua própria estruturação psicológica» (Pichot, 1964, p. 990).

A originalidade de H. Rorschach, em relação às experiências similares dos seus contemporâneos, é que transformou a prova das manchas de tinta, habitualmente considerada como uma técnica de estudo da imaginação, num teste de personalidade (Anzieu, 1980), considerando-se esta como intervindo de uma forma decisiva na elaboração do percepto.

2. TÉCNICA DE RORSCHACH E SITUAÇÃO TRAUMÁTICA: DESENCADEAMENTO E CONTROLO DA ANGÚSTIA

Quando se fala em *equilíbrio rompido* na *situação Rorschach* e na dinâmica psicológica desencadeada subsequentemente, pretende-se pôr em evidência o papel assumido pela *ambiguidade do estímulo* no desencadeamento de um processo experimental gerador de ansiedade ou de angústia para o sujeito, e nos processos que este utiliza para dela sair.

Abt (1950), reportando-se à teoria da percepção, fala da *ansiedade provocada por um estímulo de estruturação reduzida*, exigindo do sujeito uma nova adaptação. Fulkerson (1965), referindo-se à teoria do conheci-

mento, diz que o estímulo projectivo provoca uma *situação de insegurança e de risco* exigindo do sujeito a adopção de uma estratégia geradora de uma decisão que o defende. Baer (1950), referindo-se à teoria psicanalítica, afirma que a situação projectiva provoca globalmente no sujeito uma *experiência de caos*, mais especificamente a *angústia de perda de forma*, e os subsequentes processos de defesa contra esta angústia.

Embora seja um pouco controversa a influência directa da psicanálise na concepção e utilização iniciais do teste de Rorschach (Muchielli, 1968; Pichot, 1964; Anzieu, 1980; Rausch de Traubenberg, 1976; Beizman, 1974), não podemos ignorar a importância das investigações e elaborações teóricas que, partindo de conceitos e modelos teóricos oriundos da psicanálise, contribuíram decisivamente para o estabelecimento de um quadro teórico de referência que se tornou praticamente indispensável na investigação e prática do Rorschach (Baer, 1950; Orr, 1958; Rapaport, 1952; Rapaport, Gill e Schafer, 1972; Schafer, 1954, 1957, 1958; Rausch de Traubenberg e Boizou, 1977).

Tentando esclarecer este *sentimento de mal-estar* experimentado pelos sujeitos na *situação Rorschach*, vamo-nos servir do *conceito de angústia* referindo-nos à teoria psicanalítica.

2.1. A noção de angústia

O conceito de angústia é um conceito nuclear para a psicanálise e para a teoria da personalidade que dela decorre.

Laplanche (1980), sob a designação de *afectos negativos*, associa as noções de *desprazer, dor e angústia*, considerando que uma reflexão sobre as suas inter-relações poderá esclarecer-nos acerca da «teoria e função geral dos afectos».

No nosso esforço de delimitação do conceito de angústia, tal como o utilizamos para designar o afecto fundamental desen-

cadeado no Rorschach, seguimos de muito perto as posições de Laplanche.

Como ele, deixaremos de lado a análise das relações entre a angústia e os outros afectos — o que nos desviaria do nosso objectivo — para nos centrarmos «sobre aquele que, de entre os três afectos, é o mais humano, o menos vital» (Laplanche, 1980, p. 251). Este conceito é, para nós, nuclear na interpretação dos dados recolhidos através do Rorschach.

A teoria dos afectos, no sistema freudiano, faz parte da metapsicologia. Como se sabe, Freud fez aqui a distinção entre três aspectos fundamentais da sua teoria:

— o ponto de vista *tópico ou estrutural*: considerando o psiquismo como um aparelho, ele procura identificar os diferentes «lugares» psíquicos, e descrever a sua interacção;

— o ponto de vista *dinâmico*, onde elabora uma *teoria sobre o conflito* que se desencadeia entre as diferentes instâncias do aparelho psíquico, e entre este e o meio;

— o ponto de vista *económico*, onde elabora uma teoria sobre a génese e utilização da energia ou dos afectos.

É a propósito do estudo das neuroses actuais — neuroses de angústia e neurastenia — e das histerias (Laplanche, 1980, p. 18) que Freud faz a distinção fundamental entre dois elementos constitutivos dos fenómenos psíquicos: *o afecto ou reacção emocional ou sentimental* e a sua *representação ou conteúdo ideativo*. Nas suas observações, Freud apercebe-se de que estas duas componentes dos fenómenos psíquicos podem ser independentes e poderiam deslocar-se uma em relação à outra. Nesta perspectiva, um afecto pode mesmo reproduzir-se sem conteúdo, ou ainda estar ligado a uma representação que aparentemente não o justifica. Neste último caso, ter-se-iam estabelecido falsas conexões entre o afecto e o seu conteúdo ou a sua representação original. A metodologia psicanalítica dá-nos a possi-

bilidade de reencontrar a representação ausente, ou de reconstituir as cadeias de representações que ligam a última e aparentemente injustificável representação à representação original.

Laplanche faz-nos notar que a dicotomia *afecto-representação* assumiu, nos nossos dias, «uma interpretação de tipo linguístico: significado-significante, o *significado correspondendo ao afecto*, ou à quantidade, no pensamento freudiano, o *significante*, evidentemente, à *representação*» (Laplanche, 1980, pp. 19 e 20).

Freud vai evoluir no seu pensamento acerca deste assunto e, partindo de uma concepção «*puramente económica de angústia*», como simples descarga quantitativa, chega à «angústia considerada como um *sinal*»; o afecto em si mesmo poderá, deste modo, «assumir o valor de representação».

Poderemos, portanto, encontrar no percurso evolutivo do pensamento freudiano duas teorias da angústia (Laplanche, 1980, p. 49): a primeira terá sido elaborada entre 1895 e 1900, aplicando-se preferentemente às neuroses actuais e neuroses de transfert, é, como já dissemos, uma *teoria económica*. Nesta perspectiva, a angústia poderá ser definida segundo duas formulações:

«A angústia é energia sexual não elaborada à qual foi recusada a via de uma certa elaboração, e que se descarrega de forma mais ou menos anárquica; é o que vimos a propósito da teoria das neuroses actuais. Ou ainda: é uma *libido*, desta vez já não se trata de ser não-elaborada, mas desligada das suas representações, nomeadamente pelos processos de recalçamento, libertada e que se descarrega de novo sob a forma de angústia; o segundo processo seria, genericamente, o que se verifica nas neuroses de transfert». (Laplanche, 1980, p. 50).

A segunda teoria é formulada no artigo «Inibição, sintoma e angústia» (Freud, 1978). Trata-se de um texto de 1924, no qual Freud aparentemente abandona a teoria económica da transformação da libido em

angústia, elaborando uma outra que se articula à volta de duas noções fundamentais: *o perigo* e *o eu*.

A primeira noção — *o perigo* — é introduzida na medida em que «a angústia se coloca numa perspectiva de reacção ou de preparação para o perigo» (Laplanche, 1980, p. 50). A segunda noção — *o eu* — é evocada a partir da segunda teoria do aparelho psíquico (segunda tópica): «Nesta segunda teoria, muito mais do que na primeira, a tónica é posta sobre o eu. O eu é referenciado não apenas como lugar de angústia, mas como podendo mesmo ser causa de angústia, como podendo repetir a angústia por sua própria conta, pelo menos como sinal» (Laplanche, 1980, p. 50).

Laplanche põe em evidência o carácter *mais funcional* atribuído à angústia, nesta segunda elaboração teórica. A angústia vai ter uma determinada função e mesmo uma utilidade. Considerá-la como *sinal* ou *símbolo* de outras experiências angustiantes anteriores, que ela de algum modo repete, «constituindo assim uma espécie de vacinação contra o retorno (é a teoria do sinal)» (Laplanche, 1980, p. 50), decorre de uma teoria *mais histórica* e *mais simbólica* que põe em relação os factos actuais e passados geradores de angústia. Trata-se, finalmente, de uma teoria «que abre as portas a uma concepção de angústia *mais objectivista*, que faria da angústia neurótica a repetição de um perigo ou de uma reacção a um perigo objectivo» (Laplanche, 1980, p. 50).

Sem nos determos sobre outras modelações do conceito de angústia em Freud, convém, no entanto, reter dois aspectos que parecem constantes na teoria freudiana da angústia (Laplanche, 1980, p. 53):

Um dos aspectos «(...) é a angústia como desenvolvimento, como processo desembocando em qualquer coisa de incontroado, de não dominado: é o acesso de angústia, ou a angústia desenvolvendo-se em acesso». Este será o aspecto mais especificamente patológico da angústia.

Um segundo aspecto «(...) é a preparação da angústia, a angústia como estado reduzido, miniaturizado, mas permitindo ao sujeito a previsão e a preparação para o perigo».

2.2. A situação Rorschach e o desencadeamento da angústia

A nossa posição teórica na interpretação dos dados recolhidos através do Rorschach está centrada numa ideia fundamental: a situação Rorschach é experimentada pelo sujeito como uma situação traumática e, por isso mesmo, necessariamente desencadeadora de angústia, no sentido da primeira teoria freudiana (teoria económica).

Uma situação traumática pode definir-se como uma situação geradora de uma quantidade excessiva de energia, bloqueando as vias normais de elaboração pelo Eu, e que procura assim modalidades regressivas de descarga.

Na situação Rorschach, a experiência traumática decorre da dupla confrontação do sujeito com a ambiguidade do estímulo e com a instrução dada (Baer, 1950). Com efeito, por um lado coloca-se o sujeito diante de um estímulo cuja característica fundamental é a ambiguidade ou uma muito reduzida estruturação perceptiva, e a total inexistência de um sentido previamente atribuído, isto é, totalmente desprovido de «background protector de cultura» (Baer, 1950). Por outro, pede-se-lhe para nos dizer não o que objectivamente vê — manchas de tinta —, mas que nos descreva essas manchas de tinta, com formas culturalmente prescritas, utilizando conhecimentos cultural e previamente adquiridos, e recorrendo quer a experiências pessoais anteriormente vividas, quer ao seu próprio imaginário.

A situação estímulo é, deste modo, na técnica de Rorschach, globalmente muito diversificada e intensa, e devido à inexistência de um background de referência contido

no próprio estímulo, o sujeito é, de imediato, colocado diante do seu próprio background que dominará desde logo toda a situação de teste. Neste sentido, a tarefa exigida ao sujeito perde «o carácter de simples jogo de imaginação» (Baer, 1950) e transforma-se num convite, ou mesmo numa exigência explícita, à projecção.

Referindo-se a esta dinâmica tripolar que se instala, na situação projectiva de Rorschach, entre o sujeito, a ambiguidade do estímulo e a instrução dada pelo clínico, Schafer (1958) considera que há aí, da parte deste último, um encorajamento deliberado ao paciente para que se empenhe na livre fantasia. Mas, apesar de tudo, é preciso que o sujeito o faça sempre dentro de uma cuidadosa confrontação com a realidade. Isto é, o sujeito deve ser capaz de justificar as suas respostas.

2.3. Indução de «caos» e necessidade de estruturação

A apresentação, como estímulo inicial, de uma mancha informe a par da exigência de que lhe seja atribuído um conteúdo significativo, conduz a uma situação onde o indivíduo experimenta o caos. Desencadeia-se, então, uma angústia específica: a angústia de perda da forma (Baer, 1950). Esta situação de mal-estar psicológico foi diversas vezes identificada noutras circunstâncias, nomeadamente em situações experimentais relacionadas com a psicologia da percepção (Bruner, 1948; Abt, 1950; Frances, 1967). Frances afirma, a este propósito:

«De entre as variáveis ligadas à significação do objecto, é preciso destacar aquelas que intervêm nas tarefas perceptivas como efeitos mais ou menos directos de motivação. Estes efeitos foram estudados num grande número de investigações publicadas desde 1945. Eles foram demonstrados em tarefas de avaliação de grandezas e em diferentes fenómenos, como a reversibilidade da relação figura-fundo, a ambiguidade das

figuras, etc. O efeito fundamental é aquele que as motivações exercem sobre o reconhecimento de estímulos que, na experiência anterior dos sujeitos ou apenas pela intervenção de um condicionamento temporário, lhe estão ligados: quer porque satisfazem uma necessidade ou um interesse, quer porque provocam ou reduzem a dor ou a ansiedade» (Frances, 1967, p. 232).

Abt (1950), a este propósito, põe em relevo a função defensiva da percepção. Na medida em que esta protege o sujeito de experiências penosas e ameaçadoras, ela desempenha um papel de equilíbrio ou de homeostase, permitindo-lhe a manutenção da ansiedade a um nível suportável. A projecção será, assim, um dos mecanismos de defesa desencadeado pelo processo perceptivo, tendo como finalidade a protecção do sujeito contra uma ansiedade excessiva.

A tendência natural subsequente a uma experiência de *caos*, quer especificamente perceptivo, quer globalmente situacional, será a procura de *boas formas*, da *integração estrutural*, ou de *uma nova posição de equilíbrio em relação ao meio* e, neste caso, em relação à mancha de tinta informe e à instrução do testador. Este movimento, desenrolando-se globalmente nos domínios do pensamento e do afecto, e mais especificamente no domínio do perceptivo, sinalizará o esforço e a estratégia do Eu na organização de defesa contra a situação de angústia provocada. Poderemos finalmente dizer que, na situação Rorschach, a projecção se define como a utilização adaptativa e/ou defensiva da percepção (Sami-Ali, 1970).

2.4. O medo de «perda da forma» como protótipo da angústia provocada no Rorschach

A perda da forma enquanto angústia está essencialmente ligada a experiências primitivas de representação do corpo próprio.

No que se refere à criança, «as imagens parcelares, aliás continuamente mutantes ao sabor dos investimentos libidinais de cada estágio do desenvolvimento, esta anatomia fantasmática, de que fala Lacan (1949) e que designou pelo nome de *corpo fragmentado*, devem dar lugar a uma imagem global, unificada, do corpo próprio, que deve permitir à criança constituir-se como sujeito» (Smirnoff, 1978, p. 176).

Esta angústia de *perda da forma* está ainda ligada aos fenómenos de despersonalização (Schilder, 1968; Mahler, 1973; Sami-Ali, 1977; Gori 1978).

Referindo-se a este processo, Smirnoff (1978, p. 215) afirma que a demarcação da imagem corporal da criança em relação à imagem maternal «constitui o núcleo do processo de individualização». E, a propósito das crianças psicóticas, Mahler (1973, p. 155) emite a hipótese de que, neste tipo de crianças, «o medo de perda das fronteiras corporais» e a sua «incapacidade de ligar a agressividade» estão muito estreitamente associadas à sua angústia.

Perante a simulação de uma situação de ameaça da integridade pessoal, o Eu reproduz uma espécie de angústia primitiva e desencadeia, simultaneamente, os processos de defesa contra essa angústia.

Encontramos, aqui, a segunda formulação teórica acerca da angústia, proposta por Freud. Aqui a angústia funciona quer como uma reprodução mitigada da situação traumática, desencadeada pelo próprio Eu, quer *como um sinal precursor* de perigo. No Rorschach, a angústia surge como *sinal de alarme* de uma situação de perigo implícita na experiência traumática primitiva actualizada na situação de teste, na qual há um aumento de tensões difíceis de serem elaboradas pelo Eu:

«Deduzimos assim que a angústia que assinala o perigo na situação total de teste de Rorschach se exprime, antes de mais, como uma angústia acordada pelo temor de perda da forma, seguida do fenómeno de

subtração da carga libidinal. Este fenómeno, embora enfraquecido, é absolutamente idêntico aos fenómenos que iniciam e acompanham os processos neuróticos e psicóticos» (Baer, 1950, p. 460).

2.5. *O controlo da angústia no Rorschach*

2.5.1. *Um duplo sistema na concepção de conflito*

A noção de conflito, como já referimos, está subjacente ao ponto de vista dinâmico desenvolvido por Freud na metapsicologia. A situação de conflito desencadeia-se entre as diferentes instâncias do aparelho psíquico (ponto de vista tópico ou estrutural), e entre este e o meio.

Como afirma Widlöcher (1973), a personalidade não se apresenta como uma estrutura homogénea, mas como a resultante de conflito entre os diferentes «mobiles», acrescentando-se-lhe a «heterogeneidade dos sistemas de respostas».

No estudo dos processos de diferenciação e de organização da personalidade, Freud utilizou dois modelos teóricos. Um, que corresponde a uma primeira diferenciação estrutural, articula-se à volta dos sistemas *inconsciente* (INC) versus *consciente* (CNS). O outro, que corresponde a uma segunda diferenciação, articula-se à volta dos sistemas *id* versus *eu*.

A personalidade é assim concebida, na teoria psicanalítica, como uma justaposição destas duas dicotomias, embora funcionando a dois níveis diferentes: a primeira — inconsciente versus consciente — ao nível do *modo de funcionamento*; a segunda — *id* versus *eu* — ao nível do conflito (Widlöcher, 1973).

A primeira dicotomia está ligada à identificação dos factos psicológicos que escapam aos processos de elaboração percebidos pela consciência, embora apresentando uma lógica subjacente:

«Esta lógica que inspira as condutas neuróticas, as construções oníricas, e certas derapagens do comportamento habitual, pôde ser progressivamente individualizada, graças a estudos que, ligando-se a diversos assuntos, procuraram edificar uma gramática do discurso inconsciente: *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1950); *A psicopatologia da vida quotidiana* (Freud, 1953)» (Widlöcher, 1973, pp. 329-330).

Esta dicotomia estabelece-se, assim, entre os processos mentais acessíveis à consciência — isto é, funcionando de acordo com leis conhecidas pelo sujeito e cujas representações parecem articular-se de modo estável — e os processos mentais inacessíveis à consciência de um sujeito e cujas representações «obedecem ao acaso da contiguidade e a semelhanças formais e lábeis» (Widlöcher, 1973, pp. 329-330).

Os processos próprios do sistema consciente (CNS) são designados por *processos secundários*, e os processos próprios do sistema inconsciente, são os *processos primários*.

A segunda dicotomia — *id* versus *eu* — deve-se, como já referimos, à emergência da noção de *Eu* na teorização freudiana acerca do conflito.

Aqui, a heterogeneidade dos sistemas de respostas da personalidade não é formulada em termos de *modos de funcionamento primário e secundário*. Essa heterogeneidade é formulada em função dos conflitos permanentes aos quais o indivíduo deve fazer face na sua luta diária, atribuindo-se um papel importante ao aparelho tal como ele é conceptualizado na segunda tópica freudiana.

Retomando a dupla perspectiva — dinâmica e estrutural — da metapsicologia freudiana, trata-se de identificar, através da associação de ideias do sujeito, «a existência de conflitos inconscientes que se actualizam, em primeira análise, no discurso, sob a forma de resistências e de transferts», situando «o aparelho psíquico entre o corpo e o meio envolvente, repartindo-o em siste-

mas articulados uns aos outros, e descrevendo, para cada um desses sistemas, as estruturas e os modos de funcionamento que lhe são próprios»⁽¹⁾.

2.5.2. *O Rorschach e o papel do Eu na organização de defesa contra a angústia*

Como já referimos, as situações que desencadeiam a angústia são sempre experimentadas pelo sujeito como ameaças à sua integridade preluindo a perda de identidade pessoal.

O Eu, como instância de integração e de adaptação na personalidade, defende a unidade integrativa desta, procurando manter o equilíbrio entre as exigências do *id* — instância das pulsões sexuais e agressivas —, do *Super-Eu* — instância dos ideais e das interdições parentais oriundas do meio exterior, após introjecção —, e, finalmente, *as exigências do mundo exterior* (Corman, 1963).

Poderemos, portanto, identificar, quanto à origem do conflito, três espécies de angústia perante o mundo exterior, a angústia perante o Id ou perante as pulsões, a angústia perante o Super-Eu (Corman, 1963).

É, pois, ao *Eu* que se atribui não apenas a identificação da angústia — a angústia produz-se sempre ao nível do *Eu* —, mas também a organização da defesa contra a angústia.

Já vimos como está implícita, no racional da técnica projectiva de Rorschach, a simulação que, embora mitigada, é susceptível de fazer funcionar o *Eu* no sentido da identificação ameaçadora, e de ulteriormente organizar a defesa contra essa situação. O fundamento da simulação da situação de perigo, recordamo-lo, encontra-se na neces-

sidade experimentada pelo sujeito de atribuir um sentido a um material perceptivamente ambíguo e de nenhuma significação previamente atribuída de um ponto de vista semântico.

Esta dinâmica subjacente à técnica de Rorschach é ainda suportada pelo que poderemos designar por *carácter onírico da tarefa*. A ambiguidade do material, o movimento regressivo do sujeito na primeira confrontação com a situação traumática, e o clínico actuando como suporte, todos estes elementos intervêm nessa dinâmica.

Particularmente interessantes, a este propósito, são as posições teóricas de Schafer (1954 a, 1954 b). Depois de ter posto em relevo a importância dos processos de transferência e contra-transferência na situação projectiva, este autor fala-nos da forma como se podem manifestar as defesas características do sujeito. Refere-se aos níveis qualitativo e estrutural das respostas, à forma de responder, às relações sujeito-examinador, e apresenta mesmo uma listagem das defesas que considera mais comuns no Rorschach.

Schafer (1958) aplica ao Rorschach a teoria de Freud referente ao modo de funcionamento do psiquismo, e formula em termos de *processo primário* versus *processo secundário*⁽²⁾. É da confrontação entre a ambiguidade do estímulo e a instrução do clínico convidando o sujeito a servir-se quer do seu *background cultural*, quer do seu próprio imaginário, que resulta uma oscilação entre o modo de *funcionamento primário* e o modo de *funcionamento secundário* na elaboração das respostas. Comentando esta posição teórica, Rausch de Trautenberg (1976, p. 9) afirma: «Schafer situa o desenrolar do teste num *continuum psíquico* caracterizado pela oscilação do nível de funcionamento da consciência; o sujeito opera um *shift*, passa a um nível de funcio-

⁽¹⁾ *Les modèles de la personnalité en psychologie* — Symposium de l' Association de Psychologie Scientifique de Langue Française. (Liège, 1964), PUF, Paris, 1965, p. 92. (Cit. in: Widlöcher, 1973, p. 330).

⁽²⁾ *Vidé* 2.5.1.

namento primário ou narcísico, onde o estímulo induz um devaneio próximo de um estado onírico, para um nível secundário de funcionamento, onde o estímulo provoca uma reacção perceptivo-verbal controlada, próxima do nível de percepção objectiva. Os deslizes de um nível de funcionamento para outro, insensíveis para o sujeito, são provocados por reacções próprias da sua personalidade perante o conjunto dos estímulos presentes no teste».

Nesta perspectiva, Holt e Havel (1960) desenvolveram um sistema de classificação da dominância do *processo primário* versus *processo secundário* no Rorschach. Estes autores afirmam que o modo de pensamento associado ao processo primário se caracteriza não apenas pelo seu sistema de ligação aos processos instintivos, mas também pelas suas características formais, tais como um lógica autística, a distorção da realidade e as associações fracas. Acresce ainda que os processos de elaboração psíquica que encontramos no sonho, se encontram igualmente no processo primário: condensação ou confusão de várias ideias, deslocamento ou mudança de um conteúdo ou objecto para outro, simbolização ou substituição de uma imagem por outra.

Segundo Schafer (1958), observar-se-ão posicionamentos interindividuais nitidamente diferentes em relação à dominância do processo primário ou do processo secundário. E o mesmo acontecerá em relação a diferentes momentos psicológicos de um mesmo indivíduo. Se um sujeito dá respostas não tendo em conta as características objectivas do material, deixando-se ir no sentido do princípio do prazer, aí é o processo primário que domina. Mas, ao contrário, se o sujeito tem em conta as características objectivas do material, fazendo uma abordagem mais objectiva e racional do material, aí é o processo secundário que domina.

Schafer salienta ainda o papel defensivo do processo primário e, mais genericamente,

da regressão, fazendo-nos recordar que este movimento pode produzir-se em função quer de uma posição de fragilidade, quer de uma posição de fortaleza do Eu. Servindo-se do conceito de *regressão ao serviço do Eu* utilizado por Kris (1952), Schafer considera a situação projectiva como um convite ao sujeito para que ele se empenhe num movimento regressivo semelhante. Pode, então, considerar-se as diferentes posições individuais relacionadas com este processo: as áreas da regressão, a capacidade que o sujeito tem de se restabelecer do estado regressivo, o uso que faz dos produtos de regressão. Schafer refere-se, finalmente, a algumas atitudes dos sujeitos para com este convite à regressão. Há aqueles que se revelam inábeis ou pouco dispostos a regredir, agarrando-se a simples descrições das manchas, ou abordando o estímulo de uma forma muito concreta. Há outras que se deixam ir muito facilmente em direcção a estados regressivos, embora perdendo também muito rápida e facilmente o controlo, produzindo nestas circunstâncias respostas com conteúdos extremamente bizarros. Estes sujeitos manifestam, desta forma, conflitos inconscientes profundos, e muitas vezes são as suas próprias respostas que os angustiam, sinalizando assim uma posição de fraqueza das funções do Eu.

Há ainda indivíduos que se revelam capazes de uma regressão adaptativa. Estes empenham-se numa actividade extremamente imaginativa, produzindo respostas muito espontâneas e de grande criatividade, cuja justificação adequada eles sempre se revelam capazes de dar.

Toda a dinâmica subjacente ao racional da situação Rorschach está, assim, baseada na simulação de uma situação geradora do *medo da perda da forma* ou de *angústia de fragmentação*, e numa «muito nítida situação de transferência, exactamente semelhante à situação de transferência analítica» (Baer, 1950, p. 458). Esta situação de transferência, que existe igualmente noutras téc-

nicas projectivas, será, no entanto, segundo Baer, particularmente evidente na técnica de Rorschach, devido à falta de sentido das manchas.

Nestas circunstâncias poder-se-á observar a forma como o sujeito examinado, baseado no «resto diurno» constituído pelas manchas informes, constrói o seu «sonho» e que ele exprimirá sobretudo através das respostas movimento.

Chamando a atenção para o papel desempenhado pelo *determinante formal* como instrumento ao serviço do Eu na organização da defesa contra a angústia, Baer (1950, p. 460) afirma: a parte escura e a parte colorida das manchas, juntamente com a forma, constituirão «o fundo e a figura que a personalidade do examinado deve dominar através dos seus esforços de construção estrutural. Sem a forma, o examinado encontra-se num dilema: ou cai na despersonalização representada pelo claro-escuro, ou na impulsividade primária representada pela cor pura, e ambas as situações são angustiantes. Num teste em que o material estímulo é constituído por manchas informes, esta verificação não pode surpreender-nos, sobretudo se tivermos em conta que a perda da forma constitui em si uma experiência angustiante, equivalente, no inconsciente, à perda de objecto».

BIBLIOGRAFIA

- ABT, L. E. (1950) — «A theory of projective psychology», in: L. E. Abt e L. Bellak (Eds), *Projective Psychology: Clinical Approach to the Total Psychology*, Knopf, Nova Iorque, 1950. (Cit. in: Holzberg, 1968).
- ANZIEU, D. (1980) — *Les méthodes projectives*, PUF, Paris.
- BAER, A. (1950) — «Le test de Rorschach interprété du point de vue analytique», *Revue Franç. de Psychan.*, XIV, 1950 — 4. pp. 455-503.
- BEIZMANN, C. (1974) — *Le Rorschach de l'enfant à l'adulte*, Delachaux et Niestlé, Neuchâtel.

- BRUNER, J. S. (1968) — «Perceptual theory and the Rorschach Test», *J. Pers.*, 1948, 17, pp. 157-168. (Cit. in: Holzberg, 1968).
- CORMAN, L. (1963) — «Les mécanismes de défense du moi dans les tests projectifs», *Bull. Psychol.*, XVII, 1963/64 — 2. pp. 103-112.
- DEUTSCH, M. (1954) — «Field theory and projective techniques», *J. Proj. Tech.*, 1954, 18, pp. 427-434. (Cit. in: Holzberg, 1968).
- FRAISSE, P., PIAGET, J. (Ed.) (1967) — *Traité de psychologie expérimentale*, Vol. I. PUF, Paris.
- FRANCES, R. (1967) — «La perception des formes et des objets», in: Fraisse e Piaget, 1967 a.
- FREUD, S. (1978) — *Inhibition, symptôme et angoisse*, PUF, Paris, (Cit. in: Laplanche, 1980, p. 50).
- FULKERSON, S. C. (1965) — «Some implications of the new cognitive theory for projective tests», *J. Consult. Psychol.*, 1965, 29, pp. 191-197. (Cit. in: Holzberg, 1968).
- GORI, R. (1978) — *Le corps et le signe dans l'acte de parole*, Dunod, Paris.
- HOLT, R. R., HAVEL, J. (1960) — «A method for assessing primary and secondary process in the Rorschach», in: M. A. Rickers-Ovsiankina (Ed.). *Rorschach Psychology*, Wiley, Nova Iorque, 1960. pp. 263-318. (Cit. in: Holzberg, 1968).
- HOLZBERG, J. D. (1968) — «Psychological Theory and Projective Techniques», in: Rabin, A. I., (Ed.), 1968.
- KRIS, E. (1952) — *Psychoanalytic Explorations in Art*, International Universities Press, Nova Iorque.
- LACAN, J. (1949) — «Le stade du miroir comme formateur de la fonction du je», in Lacan, 1966. (Cit. in: Smirnoff, 1978).
- LAPLANCHE, J. (1980) — *Problématiques. T. I: L'angoisse*, PUF, Paris.
- MAHLER, M. (1973) — *Psychose infantile*, Payot, Paris.
- MUCHIELLI, R. (1968) — *La dynamique du Rorschach*, PUF, Paris.
- MURSTEIN, B. I. (1959) — «A conceptual model of projective techniques applied to stimulus variations with thematic techniques», *J. Consult. Psychol.*, 1959, 23, 3-14. (Cit. in: Holzberg, 1968).
- MURSTEIN, B. L. (Ed.) (1965) — *Handbook of projective techniques*, Basic Books. Inc., Nova Iorque.
- ORR, M. (1958) — *Le test de Rorschach et l'imgo maternelle*, Monographies du Bull. du Group. Franç. du Rorschach, Paris.

- PICHOT, P. (1964) — «Problèmes généraux posés par la méthodologie des tests projectifs», *Bull. Psychol.* XVIII, 1964/65—17. pp. 989-1003.
- RAPAPORT, D. (1952) — «Projective techniques and the theory of thinking», *J. Proj. Tech.*, 1952, 16 pp. 269-275. (Cit. in: Holzberg, 1968).
- RAPAPORT, D., GILL, M.M., SCHAFFER, R. (1972) — *Diagnostic Psychological Testing*, International Universities Press, Inc. Nova Iorque.
- RAUSCH DE TRAUBENBERG, N. (1974) — «Développements récents dans la théorie et l'utilisation clinique des techniques projectives», comunicação apresentada em Estrasburgo no quadro das sessões organizadas pela Société Française de Rorschach et des Méthodes Projectives. Texto não publicado, gentilmente posto à nossa disposição pela autora.
- RAUSCH DE TRAUBENBERG, N. (1976) — *La pratique du Rorschach*, PUF, Paris.
- RAUSCH de TRAUBENBERG, N., BOIZOU, M.-F. (1977) — *Le Rorschach en clinique infantile*, Dunod, Paris.
- SAMI-ALI (1977) — *Corps réel, corps imaginaire. Pour une épistémologie psychanalytique*, Dunod, Paris.
- SAMI-ALI (1970) — *De la projection. Une étude psychoanalytique*, Payot, Paris.
- SCHAFFER, R. (1954 a) — *Psychoanalytic interpretation in Rorschach testing*, Grune and Stratton, 1954.
- SCHAFFER, R. (1954 b) — «Some applications of contemporary psychoanalytic theory to projective testing», *J. Proj. Tech.*, 1954, 18, pp. 441-448. (Cit. in: Holzberg, 1968).
- SCHAFFER, R. (1958) — *The clinical application of psychological tests*, International Universities Press, Nova Iorque.
- SCHAFFER, R. (1967) — *Projective testing and psychoanalysis. Selected papers*, International Universities Press, Nova Iorque.
- SCHILDER, P. (1968) — *L' image du corps*, Gallimard, Paris.
- SMIRNOFF, V. (1978) — *La psychanalyse de l'enfant*, PUF, Paris.
- WIDLÖCHER, D. (1973) — «Le développement de la personnalité. Point de vue psychanalytique», in: Zazzo e Gratiot-Alphandéry (Ed.) (1973).